

Na biblioteca de Osman Lins: Marginália, Intertextualidade e Criação

Doutorando Eder Rodrigues Pereiraⁱ (USP)

Resumo:

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas obras da biblioteca de Osman Lins, que estão depositadas em seu arquivo na Fundação Casa de Rui Barbosa e do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, como parte integrante do seu processo criador. Nesta biblioteca é possível visualizar determinados aspectos de assimilação, seus desdobramentos e sua transfiguração em parte de sua produção literária quer pela aproximação de temas ou na consolidação da marginália. Com isso, temos um duplo de leitura e escritura, o que torna os livros presente nas estantes de Osman Lins um objeto legítimo de pesquisa tanto para literatura comparada como para crítica genética.

Palavras-chave: Biblioteca de Escritor, Marginália, Intertextualidade, Osman Lins

Introdução

A maioria dos documentos resultante da vida e obra de Osman Lins ficou aos cuidados de sua esposa e a também escritora Julieta de Godoy Ladeira. A partir daí, ela concentrou seus esforços na divulgação do trabalho dele, ampliando seu arquivo com reportagens, artigos, dissertações e teses. Manteve contato com amigos, editores do escritor e fez novas edições de livros esgotados. Para preservar este material, Julieta de Godoy Ladeira, pouco antes de sua morte, dividiu a documentação em dois conjuntos e formalmente os dou ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e a Fundação Casa de Rui Barbosa, “provavelmente como estratégia para alcançar maior difusão”, conforme Marisa Balthasar Soares (2001, p. 62).

No IEB-USP encontramos 171 livros que pertenceram a Osman Lins e que podem ser agrupados em três categorias: universo de interesse geral (literatura, história e crítica literária), livros escritos, organizados ou que contêm textos de Osman Lins e trabalhos sobre a produção osmaniana (críticas, homenagens, dissertações e teses). Na Casa de Rui Barbosa existem outros 102 volumes que apresentam apenas uma classificação por ordem alfabética dos autores, mas sem uma divisão, tendo apenas o vínculo com o arquivo do escritor. Contudo, notamos que mesmo diante de inúmeras referências citadas por Osman Lins, poucos livros restaram em seu arquivo, o que torna este conjunto de obras um elemento importante, pois a biblioteca de escritores:

têm se mostrado de capital interesse para a compreensão dos caminhos tomados por poetas, ficcionistas, críticos ou jornalistas. Como somatório de títulos, contribuem para a história da leitura; como espaço da criação, ligam-se implícita ou explicitamente à gênese de obras, ao nos propor matrizes e na marginália, materializa instantes da escritura. Conservadas ou não no seio de acervos completos, isto é, conjugadas a arquivos, coleções - de quadros, discos, filmes ou de objetos diversos -, essas bibliotecas, quando mantêm cadernos de registro ao longo da chegada de livros e periódicos, ou selos, carimbos de livrarias e faturas de compra, historiam fases da própria formação. (LOPEZ, 2007, p. 33)

Desse modo, refletir sobre esta biblioteca não significa que as edições depositadas são necessariamente leituras consolidadas e que tão pouco uma edição antiga significa leitura antiga. As datas nos dão um trajeto das possíveis pesquisas realizadas pelo escritor e contribuem para a visualização de um momento da gênese. Ademais, parte destas leituras está diretamente relacionada com a construção de algumas obras seja pela aproximação de temas, conteúdos ou na consolidação da marginália. Portanto, como leituras declaradas guardam, enquanto documento arquivístico, a consolidação de um momento da criação, além de uma ampla rede intertextual.

Poderíamos, então, pensar na dificuldade e até mesmo na impossibilidade de se analisar todo este material e isso se deve ao fato de que esta biblioteca, além de abarcar obras que refletem um amplo campo de escolhas conta com a dispersão de volumes que seriam primordiais para se observar certos temas e procedimentos adotados por Osman Lins.

Porém, mesmo diante de um universo vasto e, aparentemente, de escolhas aleatórias, encontramos certa ordem que revela um verdadeiro microcosmos da criação. Com isso, faremos uma reflexão geral sobre algumas obras desta biblioteca, tecendo relações e aproximações para visualizar, tanto quanto possível, como estas leituras estão atreladas a sua formação e parte de sua produção literária.

Pintura, Arquitetura, Arte e Estética na biblioteca de Osman Lins

A fortuna crítica de Osman Lins tem apontado, em diversos estudos, uma intensificação da intersecção entre a sua poética e a arte pictórica e isto acaba sendo um dos aspectos mais curiosos de sua obra, uma vez que “pintura, escultura, tapeçaria, geometria e ornamentalismo são temas frequentes em seus textos, que se notabilizam por explorar exaustivamente os limites entre a palavra e a imagens.” (FERREIRA, 2005, p. 29)

Escritor preocupado com a construção de sua literatura, Sandra Nitrini (2010, p. 55) nos mostra que ele foi um leitor atento e meticuloso da tradição literária ocidental e de autores contemporâneos, manifestando já em seu livro de estreia, *O visitante* (1955), de modo tímido, o “arquiteto imaginário” e também, se revelando, com segurança, o “artesão da palavra” e o romancista da década de 1970.

Em *Marinheiro de primeira viagem* (1963), Nitrini pontua que através de uma cuidadosa linguagem literária e uma arquitetura estrutural, ele prenuncia discretamente a fragmentação e a composição descontínua de *Nove, Novena* (1966) e *Avalovara* (1973), sendo; portanto um elo importante entre dois momentos de sua produção ficcional, pois Lins transpôs para esta obra recursos da arte do retábulo, da pintura e do *Nouveau Roman* e na relação literatura e pintura:

suas obras anteriores têm um forte apelo visual, no entanto, é a partir do próprio *Marinheiro de primeira viagem* que a literatura de Osman Lins passa a manter laços mais estreitos com a linguagem da pintura. No caso desse livro, as referências não se limitam aos vitrais da Idade Média e à arte românica em geral, apesar da forte impressão que causaram no escritor-viajante. Os ecos da pintura na linguagem literária de *Marinheiro de primeira viagem* consolidam-se também por meio de analogias com quadros específicos da pintura moderna nas descrições de espaços e personagens. Desse modo, Matisse, Seurat, Dufy, Van Gogh e Renoir tornam-se presentes neste livro de Osman Lins. (NITRINI, 2010, pp. 35-45)

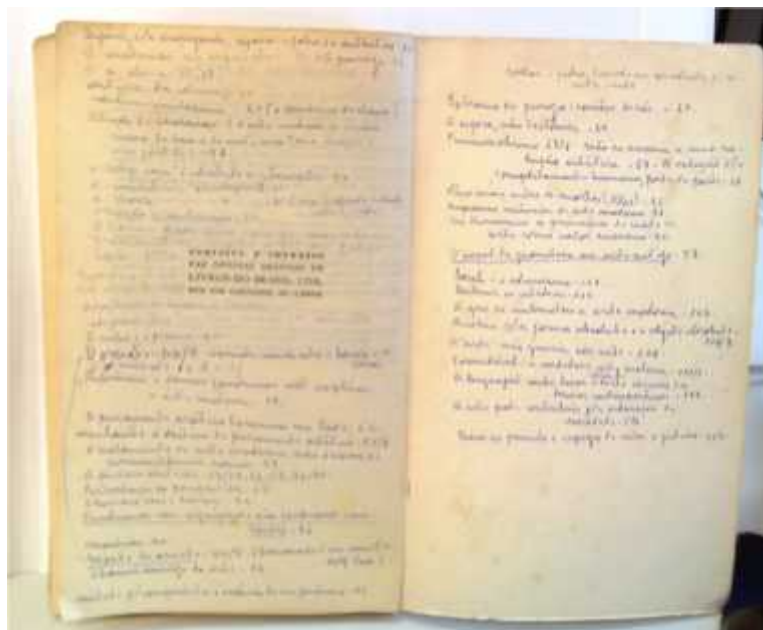
Contudo, não é difícil observar que termos como construção, estrutura, arquitetura, visual, ornamento ou pintura são utilizados com frequência em diversas leituras para estabelecer relações entre sua produção literária e outras artes. Osman Lins, por sua vez, além de confirmar parte destas ligações e indicar algumas direções, preservou em sua biblioteca algumas obras sobre pintura, arquitetura, arte e estética. Assim, estes livros compõem uma pequena unidade temática que mantém relações com sua formação e ecoam em parte de sua literatura.

Sobre pintura há alguns livros relacionados a um movimento específico ou pintores como *La peinture italienne-du Caravage a Mondigliani* (1952), de Lionello Venturi e Rosabianca Skira-Venturi, *Marc Chagall* (1953), de Godo Remszhardt, *Impressionist paintings in the Louvre* (1961), de Germain Bazin, *Miró* (1967), de Jacques Dupin, *Giovanni Bellini* (1968), de Fred Gettings e *Maneirismo - o mundo como labirinto* (1974), de Gustav R. Hoche.

A arquitetura surge nas obras *Les chateaux de la Loires* (1957), de François Gebelin, *Padove: guide artistique illustré avec la plante des monumentos* (1958), de Sandro Chierichetti, *Les batisseurs des cathédrales* (1958), de Jean Gimpel, *Saint-étienne de Bourges - architecture e vitraux* (1960), de André Chichereau e Chanoine Le Guenne, e *Quadro da arquitetura no Brasil* (1970), de Nestor Goulart Reis Filho.

Por fim, reflexões sobre arte e estética estão em *Contribution a l'esthétique* (1953), de Henri Lefevre, *A Revolução da Arte Moderna* (1955), de Hars Sedlmayr, *Problemática da estética e A estética fenomenológica* (1958), de Moritz Geiger, *Páginas de estética contemporânea* (1966), de Pierre Abraham, *A Necessidade da Arte* (1966), de Ernest Ficher ou *As origens da forma na arte* (1967), de Herbert Read.

Dessa maneira, este conjunto de obras acaba refletindo o interesse de Osman Lins por diversas áreas, além de abrir frentes de análise para aprofundar e compreender a intersecção de sua produção literária com estes ramos do conhecimento. Portanto, neste material é possível visualizar em que medida se constroi o diálogo com estas leituras que guardam nas margens, de alguns volumes, a consolidação de um momento da criação, ligando-se ao modo de formar o texto.



Livro de Hars Sedlmayr com apontamentos de leitura de Osman Lins

Ademais, Ermelinda Araújo Ferreira (2005, p. 19) enfatiza que pesquisas mais amplas sobre a presença das prováveis origens desses modelos ainda se fazem necessárias, “pois a natureza dessas transposições, de tão complexa e de efeitos tão surpreendentes, não só renovam o gênero romanesco como apontam, provavelmente, para o mais efetivo, criativo e bem acabado exercício sinestésico de que se terá conhecimento na literatura de língua portuguesa”.

Nesta direção, Elizabete Marin Ribas apresenta em sua dissertação, *Giz, caneta e pincel: Literatura e História da Arte nas aulas do professor Osman Lins*, diversas considerações que contribuem para a elucidação desta interface entre literatura e outras artes ao analisar os planos de aula de literatura, teoria literária, teatro e relatórios acadêmicos, documentos depositados no IEB-USP e do período em que Osman Lins atuou como professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Marília.

Ela nos mostra a face do professor Osman Lins que preocupado com nível de conhecimento dos alunos em artes, montou um curso de História da Arte. Além de estabelecer relações pertinentes do tema com a produção osmaniana, Ribas recompõe este curso através da transcrição de fitas e reprodução de imagens em slides e apresenta referências bibliográficas ausentes em sua biblioteca pessoal. Dessa forma, é possível observar uma dinâmica entre a materialidade e a ausência de certos livros que sistematizam um interesse pelo assunto e uma maneira de como este conhecimento assimilado ecoa em outras práticas.

Assim, existe uma relação diversificada entre a produção artística de Osman Lins e sua biblioteca o que implica numa possibilidade de sair de uma poética meramente descritiva para entrar numa interpretação mais global do sistema e da multiplicidade dos textos, ligando-se então tanto a distribuição temporal quanto espacial das referências, como nos propõe Tiphaine Samoyault (2008).

Avalovara: matrizes, margália e intertextualidade

Se pensarmos em determinadas declarações do autor ou em aproximações temáticas é possível visualizar alguns livros ligados ao romance *Avalovara* que nos permite trilhar por vários caminhos, talvez tão diversos quanto às voltas da espiral sobre o quadrado. A base estrutural do romance é a sobreposição de um quadrado que formaliza a dimensão espacial e uma espiral que corresponde ao desenvolvimento temporal. Além disso, o que também chama a atenção é a progressão aritmética dos capítulos, com variações entre as bases de dez linhas para os temas R, S, O, A, E, de doze linhas para o tema P e de vinte linhas para o tema T. Em relação a essa estrutura, Osman Lins (1979, p. 179) apresenta algumas de suas referências, em uma entrevista:


a minha atração pelas estruturas de inspiração geométrica não se definiu a partir da leitura de outros romances, e sim a partir da leitura dos ensaios de Matila C. Ghyka: *Esthétique des proportions dans la nature et Art* e *Le Nombre d'Or...* Também Pitágoras e a alquimia não são estranhos à minha atração pelas figuras geométricas. Quanto aos números, têm fascinado aos homens desde sempre.

Com diversos grifos em suas páginas, encontramos em sua biblioteca *La science occulte et les sciences occultes* (1935), de Paul Carton, e em *Art e alchimie: étude de l'íconographie hermétique et de sus inflences* (1966), de J. Van Lennep, que apresentam parte de um infinidade de relações possíveis, principalmente, no que diz respeito ao tema da alquimia cuja linguagem faz com frequência referências a símbolos astrológicos, metais, figuras enigmáticas, animais como o unicórnio, veado, peixe e pássaros, além do uso de imagens sexuais. Ademais, a estas duas referências podemos somar o livro *Trattato su la Peitra Filosofale e l'arte dell'Alchimia* (1947), de São Tomás de Aquino, compondo assim as matrizes sobre esta unidade temática.

Resulta, então, que as questões atreladas à alquimia sistematizam uma operação simbólica situada no plano cosmológico e “ligada aos anseios mais profundos da psique pela totalidade representada até nossos dias pelos símbolos mandalísticos que surgem em certos sonhos.” O “alquimista, portanto, teria sido a figura que no passado melhor se sucedeu na busca à chamada “individualização”, ou autoconhecimento, através do qual o ser humano se integra ao cosmo.” (GOLDFARB, 1987, p. 233)

Assim, nesta linguagem, a relação ato amoroso e cosmogonia é representada pelo simbolismo da morte e do renascimento em que surgem opostos constantes como negativo e positivo, sombra e luz ou a passagem do Caos ao Cosmos, mas também esta vasta simbologia pode estar relacionada a “estrutura cósmica do ritual conjugal e do comportamento sexual dos seres humanos para representar a cosmogonia” (ELIADE, 2001, pp. 121-122) o que demanda uma ligação com obras de sua biblioteca que tratam da questão do ato amoroso como *Ananga-ranga: tratado hindu do amor conjugal* (s/d), de Kalyana Malla, *L'art amoureux des Indes* (1957), de Max-Pol Fouchet ou *Estudios sobre el Amor* (1959), de José Ortega Y Gasset. Além disso, se levarmos em consideração o tema do zodíaco que também faz parte das relações simbólicas da alquimia o entrelaçamentos de obras aumentaria.

Um exemplo disso é que em um estudo de Álvaro Manuel Machado, *Osman Lins e a nova cosmogonia latino-americana*, (1979, pp. 30-39) há a afirmação de que Lins retoma certos temas de *Nove, Novena*, ampliando, sobretudo, a linguagem no plano do conteúdo. Isto se reforça quando comparamos as alusões ao princípio do Cosmos que surgem tanto no primeiro mistério do conto *Retábulo de Santa Joana Carolina* como no segmento R1 de *Avalovara*. Para Sandra Nitrini, o conto “representa o exemplo lapidar da narrativa que realiza plenamente o propósito osmaniano de inserir o homem no universo. Seu entrelaçamento com o cosmos começa desde o arcabouço do retábulo: os doze mistérios correspondem aos signos do Zodíaco” (1987, p. 239) e eles só se revelam através da menção de ornamentos.

Já em *Avalovara* estes ornamentos relacionados ao Zodíaco surgem ao longo da descrição do ato amoroso de Abel e  nos segmentos N1, E15, E16, E17 e N2, através da alusão a parte do corpo, elemento visível em uma nota de planejamento do romance. Temos então sobre este tema as obras *História breve da Astrologia* (1961), de Paul Couderc e *O enigma do zodíaco* (1973), de Jacques Sadoul, enquanto Pitágoras é contemplado em *La religion astrale des Pythagoriciens* (1959), de Louis Rougier, fazendo parte, portanto desta rede simbólica e textual.

Dessa maneira, estas referências tornam-se uma chave para a leitura de *Avalovara*, funcionando como fios internos que recompõem os diversos desdobramentos de significados da obra ao mesmo tempo que possibilita a identificação dos elementos de continuidade, prolongamento e rupturas. Contudo, ao agrupar estes livros em uma unidade temática, teríamos argumentos para reforçar a ideia de que isso se liga a uma maneira de Osman Lins formar sua matéria e seu repertório intelectual. Mas até que ponto, podemos estreitar estas obras a este conceito? Será que realmente este conjunto tem uma relação com sua literatura? Diante de tantos livros que se perderam como afirmar que estas leituras têm uma relação com seu processo de criação? E a resposta para estas questões parece ter fundamentação em outro conjunto de 23 livros, que estão no IEB-USP, examinados por Osman Lins para a composição do romance inacabado *A cabeça levada em triunfo*.

Leituras para um romance inacabado

A cabeça levada em triunfo teria nascido de um pacto firmado entre Hermilo Borba Filho e Osman Lins e motivado por histórias e lendas sobre Lampião e seu bando. Dentre elas destaca-se a história de uma cabeça de cangaceiro negociada na Estação de Palmares. Desse modo, os escritores desejavam cada um a seu modo tornar este caso em literatura, mas Borba Filho não começou o seu livro tendo apenas o fato relatado no romance “*A margem das lembranças*. Resolvido, porém, insatisfatoriamente” (MOURA, 2003, p. 92) enquanto Osman Lins não pôde terminar o seu. Porém, deixou documentos valiosos como uma versão inacabada, notas de planejamento e seu diário de doença com informações sobre a obra.¹

¹ - Em fase de desenvolvimento no IEB-USP, existe o projeto de pós-doutorado *A cabeça levada em triunfo*, de Osman Lins - estabelecimento do texto e estudo genético, de Francisco José Gonçalves Lima Rocha que busca trabalhar com estes documentos.

Nos livros examinados para a composição de *A cabeça levada a triunfo* os temas predominantes são sobre o cangaço e a flora. Para o primeiro tema surgem títulos como *Lampião* (1975) e *Sinhô Pereira* (1975), de Nertan Macedo, *Cangaceiros e Fanáticos* (1976), de Rui Facó, *Caçadores de Cabeças* (1976), de Marcus Cláudio Acquaviva, e *Os cangaceiros* (1977), de Maria Isauro Pereira de Queiroz enquanto no segundo, temos os livros *Curiosidades de nossa flora* (1956), de Getúlio César, *Como vivem as plantas* (1970), de Johannes Van Overbeek, *Conheça a vegetação brasileira* (1970), de Aylthon Brandão Joly, *Plantas e flores ornamentais para sua casa e jardim* (1975) e *Horticultura* (1977), de Irineu Fabichak.

Mas também há obras literárias em torno deste universo regionalista como *Trepandé* (1972), de Plínio Salgado, *Estória de Engenho* vol. 11 (1973), *Universo Verde* (1975) e *Estória de Engenho* vol. 20 (1976), de Claribalde Passos, bem como as que pontuam o contexto histórico-social em *Juazeiro do Padre Cícero* (s/d), de Lourenço Filho e *A República Nova* (1976), de Edgard Carone. Com isso, estas leituras, atreladas aos documentos do processo, sistematizam aspectos importantes da criação, pois se ligam ao modo de formar de Osman Lins e dialogam com temas, motivos, tratamento do espaço ou ambiente, instaurando, assim, uma ampla rede intertextual. Esta prática, de acordo com Telê Ancona Lopes, enraíza:

a (re) criação que se afirma com originalidade e autonomia ao integrar outro contexto. Desse ponto de vista, as matrizes, consolidadas ou não pela marginália de um escritor, descobertas no circuito de um diálogo intertextual, interessam também à literatura comparada. Matrizes e marginália nos conduzem, por força da intertextualidade e da dimensão documentária, à tentativa de reconstruir, no diálogo, certas instâncias do ato criador enquanto conjunção de leitura e escritura, convergência na esfera intelectual; enquanto sutil passagem da recepção à criação ou alcance maior da recepção que, segundo Daniel Ferrer, se transforma em produção e se extrema na bricolagem. Diálogo, enquanto leitura anotada, implica movimento na pesquisa do artista que se desenrola em consonância com suas obsessões, reconhecíveis na obra; subentende crítica, seleção e assimilação. (LOPEZ, 2007, p.33)

Dessa maneira, diante deste conjunto de livros presentes em sua biblioteca, percebe-se uma verdadeira cenografia da leitura que oferece pistas das operações de absorção e de como se constroi o empréstimo. Nesse sentido, ao pensarmos a criação como uma rede de conexões, como propõe Cecília Almeida Salles, notamos a multiplicidade de relações possíveis, sendo que esta mesma rede aumenta sua complexidade à medida que estabelecemos novas direções. Com isso, essa “visão do processo de criação nos coloca em pleno campo relacional, sem vocação para o isolamento de seus componentes, exigindo, portanto, permanente atenção a contextualização e ativação das relações que o mantêm como sistema complexo.” (SALLES, 2006, p. 22)

Considerações finais

As atividades de leitura e escritura concretizam a interpenetração do antigo no novo, mostrando as marcas daqueles que o antecederam além de indicar a importância dos caminhos tomados. Contribuem, assim, para a visualização de um momento da gênese. Portanto, importância desta biblioteca reside no fato de como ela se converte em documento, pois:

na marginália e em certas leituras não assinaladas, ficam, pois, manuscritos recônditos, à espera de uma decodificação escorada na análise de textos inteiros, de fragmentos e de sinais sobrepostos ao livro, ou nutrida por citações fora desse contexto, anunciando a indelével captação por parte do leitor, a ser flagrada pelo crítico. Essa captação pode espelhar uma latência, no inconsciente, memória de

uma experiência de leitura, a qual, mesmo passado muito tempo, de repente aflora por força de associações que retomam, de modo claro ou não, o diálogo antigo, para servir a novos propósitos no decorrer do processo criativo de novas obras. Desse diálogo restam vestígios: as notas marginais que valem como notas prévias e os textos de outros autores escondem matrizes. (LOPEZ, 2007, p.33)

Dessa maneira, é possível considerar que nas diversas fontes que acabamos de apresentar visualiza-se um momento da criação de Osman Lins e de alguma forma isto nos direciona, por força da intertextualidade e da dimensão documentária, a possibilidade de se reconstruir determinadas etapas do ato criador, enquanto conjunção de leitura e escritura, além de permitir analisar as operações de absorção e transfiguração. Porém, vale se questionar até que ponto o exame destas obras não revelarão outros mecanismos de construção da poética osmaniana bem como os diálogos estabelecidos pelo autor.

Referências Bibliográficas

- [1] ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. SP: Editora Martins Fontes, 2001.
- [2] FERREIRA, Ermelinda. *Cabeças compostas : A personagem feminina na narrativa de Osman Lins*. SP: Edusp, 2005.
- [3] GOLDFARB, Ana M. Alfonso. *Da alquimia à química*. SP: Nova Stella-Edusp, 1987.
- [4] LINS, Osman. *Avalovara*, SP: Melhoramentos, 1973.
- [5] LINS, Osman. *Evangelho na Taba - Outros problemas inculturais brasileiros*. SP: Summus Editorial, 1979.
- [6] LOPEZ, Telê Ancona. *A criação literária na biblioteca do Escritor*. In. Revista SBPC, São Paulo, 2007.
- [7] MACHADO, Álvaro Manuel. *Osman Lins e a nova cosmogonia latino-americana*. Colóquio/Letras 33, 1979.
- [8] MOURA, Ivana. *Osman Lin: o matemático da prosa*. PE: FCCR, 2003.
- [9] NITRINI, Sandra. *Poéticas em confronto - Nove Novena e Novo Romance*. SP: Editora Hucitec, 1987.
- [10] NITRINI, Sandra. *Transfigurações - Ensaio sobre a obra de Osman Lins*. SP: Editora Hucitec, 2010.
- [11] RIBAS, Elizabete Marin. *Giz, caneta e pincel: Literatura e História da Arte nas aulas do professor Osman Lins*. SP: Dissertação, FFLCH-USP, 2012.
- [12] SAMOYAUULT, Tiphaine. *A Intertextualidade*. SP: Editora Hucitec, 2008.
- [13] SOARES, Marisa Balthasar. *No Arquivo do Artesão*. SP: Revista Cult, jul. 2001.

ⁱ **Eder Rodrigues Pereira (Doutorando)**

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP)
Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada
E-mail: eder.pereira@usp.br